

Renegociação da nossa dívida vai atrasar

Para negociar com os bancos credores, o FMI e o Brasil têm de chegar a acordo para redução do déficit do governo. Isso não sai antes de três semanas.

As negociações com o FMI não deverão estar concluídas antes das próximas três semanas, quando provavelmente serão estabelecidos critérios para a redução do déficit operacional do governo. E, segundo José Augusto Savasini, secretário de Planejamento da Seplan, não é certo que haverá uma decisão a respeito das metas para os primeiros três meses de 85. Por causa disso, pode haver atraso na retomada das negociações de Galvêas e do presidente do Banco Central, Afonso Pastore, com os credores norte-americanos, iniciadas na semana passada em Nova York. Essas negociações dependem de um acordo com a missão do FMI sobre o primeiro trimestre do ano.

Durante mais de duas horas, a missão do FMI debateu ontem com os ministros Delfim Neto e Ernane Galvêas os resultados da economia brasileira em '84 e suas perspectivas para '85. Segundo as versões oficiais, não se falou em números, mas funcionários do governo brasileiro comentaram que os indicadores do terceiro trimestre (julho-agosto-setembro), apresentados aos auditores do Fundo, confirmam que o País conseguiu cumprir as metas fixadas na sexta carta de intenções.

Mas a missão do FMI — composta pelos economistas Thomas Reichman, Ana Maria Jul e Henri Ghesquière — apenas começou seu trabalho ontem. Amanhã à noite, devem chegar os técnicos enviados pelos próprios bancos credores, que deverão acompanhar de perto a auditoria para orientarem a elaboração da sétima carta, que segundo Reichman deverá estar concluída até o final do ano.

À tarde, depois da reunião com Delfim e Galvêas, no Palácio do Planalto, os três representantes do FMI foram ao Banco Central (com mais dois economistas do Fundo, Joris Buyse e Robert Sheehy), onde discutiram com funcionários do banco as projeções sobre as contas externas do País para este ano e para o próximo.

Déficit

Presente à reunião com os ministros, o secretário José Augusto Savasini não quis dizer o que foi discutido sobre as metas para o

primeiro trimestre de 85, quando haverá mudança de governo. E sobre esse assunto, o chefe da missão do FMI, Thomas Reichman, reagiu mal-humorado a perguntas de jornalistas em relação às futuras negociações com o governo de Tancredo Neves (ou de Paulo Maluf). "O FMI", disse ele, "negocia com governos, não com pessoas". E saiu apressado, sem atender aos repórteres.

Com a chegada, amanhã, da missão dos bancos, chefiada por Douglas Smee do Banco de Montreal, o comitê criado pelos credores para acompanhar a renegociação da dívida brasileira deverá concluir, até o fim deste mês, a quinta edição do programa de ajuste da economia brasileira, com as metas globais para 85. De acordo com as conversações que estão se desenvolvendo, o ministro da Fazenda poderá até convocar extraordinariamente o Conselho Monetário Nacional para aprovar as metas que forem traçadas para o balanço de pagamentos em 85.

Investimentos

Apesar das dificuldades com o balanço de pagamentos, o Banco do Brasil informou ontem que vem ampliando suas aplicações em instituições financeiras internacionais, atualmente calculadas em US\$ 43,54 milhões. "O investimento nessa área vem-se constituindo em importante instrumento de apoio à rede externa do banco, propiciando negócios de interesse mútuo", diz um informe do BB.

Hoje, o maior banco brasileiro já tem aplicações em dez instituições de vários países, como por exemplo o Ariabank, com sede em Bahrain, no Oriente Médio, onde tem investidos US\$ 16,65 milhões (6,66% do capital desse banco). No European Brazilian Bank, de Londres, a participação do BB é maior: 31,89%, ou US\$ 9,67 milhões. Há ainda investimentos no Banque Internationale pour l'Afrique Occidentale, de Paris (US\$ 6,97 milhões); no Banque Arabe et International D'Investissement; no Euro-Latinamerican Bank, de Londres (US\$ 2,03 milhões); e no Banco Brasileiro Iraquiano, sediado no Rio (US\$ 2,05 milhões).